

COMO FAZER UMA ETNOGRAFIA DE MODO PARTICIPANTE: CONSTRUINDO SOCIABILIDADES COM TRABALHADORES VENEZUELANOS NAS “MATICAS” DE BOA VISTA, RORAIMA

HOW TO DO PARTICIPANT ETHNOGRAPHY: BUILDING SOCIABILITY WITH VENEZUELAN WORKERS IN THE “MATICAS” OF BOA VISTA, RORAIMA

Resumo

O presente artigo tem como objetivos principais descrever o processo de imersão em campo e explorar a construção de uma relação de confiança mútua, fundamental para a condução de uma pesquisa etnográfica participante. Para alcançar tais objetivos, será realizada uma pesquisa bibliográfica sobre metodologias nas ciências sociais, com ênfase na antropologia e na prática etnográfica. A base dessa pesquisa será a experiência em campo adquirida durante a elaboração da dissertação. O artigo detalha a dinâmica e a organização de três espaços de sociabilidade denominados “maticas”, com o intuito de identificar os passos essenciais para iniciar um estudo em campo. A etnografia, mais do que um método, possibilita a coleta de dados concomitante à elaboração de teorias. No entanto, destaca-se que a prática etnográfica não segue um manual ou receita padronizada; cada contexto exige uma abordagem sensível e adaptada às particularidades dos interlocutores e do ambiente. A abordagem proposta por Clifford Geertz (1989), que enfatiza a descrição densa, será seguida. Geertz sugere que se deve pesquisar nos espaços e, simultaneamente, interpretar em um nível mais profundo a cultura dos participantes.

Palavras-Chave: etnografia; pesquisa em campo; métodos; metodologia.

Abstract

This article has two main objectives. Firstly, to describe the process of field immersion. Secondly, to explore the development of mutual trust, which is crucial for conducting

-
- 1 Professor da Carreira de Magistério da Educação Básica do Estado de Roraima. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) com habilitação em Sociologia. Licenciado em Sociologia pela Universidade Norte do Paraná (Unopar). Antropólogo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: lopesgermano33@hotmail.com
 - 2 Professora do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas, mestrado pelo Center for Latin American Studies (master in arts), pela Universidade da Flórida e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas.

participant ethnographic research. To achieve these objectives, a bibliographic research on methodologies in the social sciences will be conducted, with a specific focus on anthropology and ethnographic practice. The foundation of this research will be the field experience acquired during the preparation of the dissertation. The article details the dynamics and organization of three sociability spaces referred to as “maticas”, aiming to identify the essential steps for initiating a field study. Ethnography, more than just a method, allows for data collection while simultaneously theorizing. However, it is important to highlight that ethnographic practice does not follow a standardized manual or recipe; each context requires a sensitive and adapted approach to the particularities of the participants and the environment. The approach proposed by Clifford Geertz (1989), which emphasizes thick description, will be followed. Geertz suggests researching within spaces while simultaneously interpreting the culture of participants at a deeper level.

Keywords: ethnography; field research; methods; methodology.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma extensa experiência de campo nas ciências humanas, com foco específico na antropologia. Nossa trajetória na antropologia teve início em 2018, com a elaboração de um vídeo etnográfico. Em 2019, realizamos a etnografia de três espaços de sociabilidade como parte da nossa dissertação de mestrado, concluída em 2021.

Essa experiência forneceu uma oportunidade valiosa para refletir sobre os métodos e metodologias nas ciências sociais, especialmente na Antropologia. Um debate recorrente entre os iniciantes em antropologia é a diferença entre a pesquisa de observação participante e o método etnográfico. É fundamental esclarecer que o que muitas vezes chamamos de “método de pesquisa de observação participante” é, na verdade, uma ferramenta dentro do arsenal etnográfico. Além da observação participante, utilizamos diários de campo e outros instrumentos de coleta de dados secundários, como entrevistas e gravações.

Este artigo explora essas nuances, destacando como a etnografia permite a coleta de dados enquanto se desenvolvem teorias, mesmo sem um manual ou receita padronizada. Em consonância com a abordagem de Clifford Geertz (1989) e as reflexões de Marisa Peirano, buscamos entender as complexidades culturais por meio da descrição densa e do processo adaptativo.

MÉTODO

O método na pesquisa etnográfica está profundamente ligado à descrição densa, conforme proposto por Clifford Geertz (1989), e se alinha com o

pensamento de Marisa Peirano sobre a etnografia como um método-teórico. A observação participante é central, mas vai além, explorando estratégias para conduzir a etnografia de forma reflexiva e adaptativa. A metodologia, como delimitada por Peirano, envolve estratégias para ganhar confiança mútua e gerenciar as incertezas que surgem durante o trabalho de campo.

Ao adentrar o campo, encontramos uma dinâmica própria, que deve ser compreendida e respeitada. A literatura e as teorias servem como guias, mas a observação participante exige um treinamento específico e uma abordagem flexível. Peirano destaca que a etnografia é mais do que um método; é um processo teórico que se desenvolve no campo. Cardoso de Oliveira e Peirano ressaltam a importância de ouvir, observar e registrar detalhadamente.

A construção da confiança mútua é essencial, e é preciso ir além da superficialidade para acessar dados significativos, conforme alertado por Brandão. A autoridade etnográfica se constrói tanto dentro quanto fora do campo pesquisado. Internamente, estabelece-se no encontro entre pesquisador e interlocutor. Externamente, após a coleta de dados e durante a escrita, nossas memórias seletivas desempenham um papel, como notado por Pollak. Ao interpretar o “livro desbotado”, refletimos e teorizamos sobre o fenômeno estudado.

A riqueza da etnografia participativa reside na capacidade de o leitor se imergir no cotidiano dos interlocutores por meio da escrita. Compreendemos o significado atribuído às ações ao observar diretamente e participar dos eventos. Essa interação direta e a vivência dos momentos antes e após conquistar a confiança mútua são essenciais para uma etnografia eficaz.

Cada pesquisa é uma experiência única. A etnografia não pode ser realizada em um único dia; o processo é complexo e gradual, levando à aceitação por parte dos interlocutores. Geertz, em sua pesquisa sobre brigas de galos, precisou agir conforme os balineses quando a polícia interrompeu o evento, buscando a confiança mútua para não ser ignorado. Assim, iniciamos o trabalho antropológico ao conquistar essa confiança.

O método é a teoria utilizada para analisar e interpretar as relações sociais. Essa teoria é elaborada pelo pesquisador antes de entrar em campo, mas deve estar aberta a adaptações conforme novas informações surgem. É crucial não abordar o campo com uma perspectiva pré-concebida. A teoria deve ser adaptativa, respeitando a dinâmica do campo e buscando novas literaturas quando necessário para compreender os significados atribuídos pelos participantes.

METODOLOGIA

É essencial distinguir entre metodologia e método. A metodologia é o plano e o roteiro que o pesquisador desenvolve antes, durante e após o trabalho de campo. Ela inclui a teoria, as ferramentas de coleta de dados e as estratégias de imersão.

Nossa experiência de campo, desenvolvida durante a dissertação de mestrado, serve como base para as reflexões deste texto. Focaremos nos espaços pesquisados: as “maticas”. As “maticas” são categorias nativas venezuelanas, usadas pelos migrantes para se referirem a espaços sombreados por árvores, onde aguardam oportunidades de trabalho. Esses locais estão localizados nas esquinas do Bairro Cidade Satélite, em Boa Vista, Roraima.

A identificação desses espaços pelos interlocutores revela regras específicas que facilitam a realização das atividades desejadas. Observamos essas particularidades durante nossa convivência com os migrantes na matica. Vale destacar que, devido ao calor intenso em Boa Vista, a sombra oferecida por esses espaços é especialmente valorizada ao longo do dia.

Quando falamos em categoria nativa, segundo Antônio Guimarães (2008) estamos nos referindo a:

[...] uma categoria que tem sentido no mundo prático, efetivo. Ou seja, possui um sentido histórico, um sentido específico para um determinado grupo humano. A verdade é que qualquer conceito, seja analítico, seja nativo, só faz sentido no contexto ou de uma teoria específica ou de um momento histórico específico. Acredito que não existem conceitos que valham sempre em todo lugar, fora do tempo, do espaço e das teorias. São pouquíssimos os conceitos que atravessam o tempo ou as teorias com o mesmo sentido. Se é assim, os termos de que estamos falando são termos que devem ser compreendidos dentro de certos contextos (Guimarães, 2008, p. 63).

SELEÇÃO DOS ESPAÇOS E INTERLOCUTORES

Para selecionar os espaços e interlocutores, estabeleci critérios que pudessem auxiliar no alcance dos objetivos propostos. A escolha dos espaços para o estudo foi determinada pela quantidade de migrantes que ocupavam essas áreas. Estes espaços, denominados “maticas”, representam um conjunto de relações sociais onde ocorre o autoagenciamento da força de trabalho dos migrantes venezuelanos.

MAPEAMENTO DAS MATICAS

Em geral, as pesquisas começam anos antes da execução do projeto. No meu caso, o ponto de partida foi 2018, quando produzi um vídeo etnográfico. Naquela época, tive a oportunidade de interagir com um jovem migrante venezuelano que atuava em uma *matica*, estabelecendo contatos com outros membros desse grupo. No entanto, ao retornar ao campo em 2020, no contexto da pandemia, enfrentei um desafio significativo: recomeçar do zero, já que os contatos estabelecidos em 2018 não puderam ser localizados.

Esse imprevisto é uma realidade que pode ocorrer em qualquer pesquisa. Aqueles que inicialmente serviriam como intermediários entre mim e os interlocutores já não estavam mais disponíveis. Assim, foi necessário iniciar o trabalho novamente. Esse recomeço destacou a importância de adaptar as estratégias e lidar com as incertezas do campo, reforçando a necessidade de flexibilidade e abertura para o inesperado.

A Figura 1 ilustra a *matica* que deu início a este estudo, localizada estrategicamente no cruzamento das duas principais avenidas que dão acesso ao bairro Cidade Satélite: a Avenida Dom Aparecido José Dias e a Avenida Universo. Este espaço foi um dos primeiros, se não o primeiro, a ser utilizado pelos migrantes venezuelanos como uma espécie de escritório a céu aberto, onde oferecem sua força de trabalho.

Figura 1 – Primeira *matica* do bairro Cidade Satélite



Fonte: acervo do pesquisador.

A Figura 1 ilustra a *matica* propriamente dita, aquela situada sob a sombra de uma ou mais árvores. Esse espaço é crucial para os migrantes, pois é onde eles

oferecem sua força de trabalho para garantir a sobrevivência deles próprios e de suas famílias que permanecem na Venezuela. Além disso, os migrantes buscam se integrar à sociedade local e, posteriormente, se estabelecer de forma mais permanente.

Mesmo que outros espaços não possuam a sombra de árvores, serão igualmente denominados “*maticas*” devido à semelhança em seu funcionamento e dinâmica.

A *matica* descrita a seguir é conhecida como “*La Sede*”, nome atribuído tanto pelos seus ocupantes quanto pelos migrantes de outras *maticas*.

Figura 2 – *Matica la Sede*



Fonte: imagem feita pelo pesquisador.

La sede fica localizada na avenida Universo e Antares, como mostra a figura 2.

A terceira *matica* selecionada para essa pesquisa é chamada de “*Puesto el Índio*” tal como vemos na foto a seguir.

Figura 3 – *Matica Puesto el Índio*



Fonte: acervo do pesquisador.

O espaço em questão está localizado a aproximadamente duzentos metros da primeira *matica* estabelecida no bairro Cidade Satélite, na Avenida Dom Aparecido José Dias.

O processo de mapeamento dos espaços é evidenciado nas imagens, onde posso ser visto interagindo com os interlocutores. Neste estágio inicial, a confiança mútua ainda não estava totalmente consolidada, e as visitas eram breves. Utilizei a estratégia de distribuir merenda como uma forma de facilitar a interação. Para isso, vesti-me adequadamente e contei com a ajuda de Janderson.

O processo de inserção no campo, especialmente a interação direta com os interlocutores para estabelecer a confiança mútua, demandou um planejamento logístico cuidadoso, tanto material quanto humano, com uma antecedência de duas semanas. Na primeira semana, de 28 de setembro a 4 de outubro de 2020, encomendamos camisas personalizadas, exclusivamente para o uso do pesquisador, garrafas térmicas, copos descartáveis, guardanapos (conforme mostrado na Figura 12) e produtos para o preparo dos lanches que seriam distribuídos ao longo dos treze dias em campo.

Figura 4 – Materiais para a inserção no campo



Fonte: acervo do pesquisador

ANÁLISE TEÓRICA DA MIGRAÇÃO

A pesquisa em campo exige uma base teórica sólida sobre o fenômeno a ser investigado. No nosso caso, ao estarmos no campo, identificamos que a migração pode ser classificada em forçada e voluntária. A migração dos venezuelanos

pode ser compreendida como forçada e do tipo migrante por sobrevivência. O conceito de migração por sobrevivência, segundo Alexandre Betts *apud* Corrêa *et al.* (2015, p. 225), refere-se a pessoas que saem de seu país de origem devido a uma ameaça real à sua existência, sem encontrar uma solução dentro de seu próprio país. Nesse contexto, a migração venezuelana é considerada forçada, conforme Corrêa e demais autores (2015, p. 221), porque o Estado cria medidas de proteção, como a instituição do refúgio, como resposta inicial.

O termo 'refugiado' se aplica a qualquer pessoa que, devido a agressões, ocupação externa, dominação estrangeira ou eventos que perturbem gravemente a ordem pública em parte ou em todo o seu país, busca proteção. Na América Latina, encontros regionais levaram à criação da Declaração de Cartagena em 1984, que visava atender à demanda de países da América Central e do Chile enfrentando ditaduras e que provocaram mais de 2 milhões de deslocamentos para países vizinhos (Corrêa *et al.*, 2015, p. 22).

Os venezuelanos receberam o status de refugiado no Brasil. Conforme Corrêa e demais autores (2015), um refugiado é um indivíduo presente em um território marcado por graves violações dos Direitos Humanos. A Lei que estabelece a instituição de refúgio no Brasil é a 9.474 de 1997, elaborada sob o espírito da Declaração de Cartagena. Portanto, a escrita antropológica deve ser fundamentada em teorias.

PROCESSO DE IMERSÃO EM CAMPO

O processo de imersão no campo foi dividido em duas fases. A primeira fase, chamada de interna, refere-se à interação direta com os interlocutores. Em contraste, a observação de campo externa envolveu o acompanhamento dos espaços sem contato direto com os interlocutores presentes nesses locais.

Durante minhas observações nas ruas de Boa Vista, notei o surgimento de novas maticas em bairros onde antes não havia, com uma maior concentração de migrantes do que nos espaços previamente pesquisados. Destaco, entre essas novas maticas, a do Bairro Silvio Botelho, localizada no cruzamento da Avenida Ataíde Teive com a N-24; a do Bairro Raiar do Sol, situada no cruzamento da Avenida Estrela Dalva com a Avenida do Sol Nascente; e a do Bairro Jardim Tropical, localizada no cruzamento da Avenida Carlos Pereira de Melo com a Rua Carlos Fraxe, todos na Zona Oeste de Boa Vista.

Observando ao longo de três anos, constatei que esses espaços são dinâmicos quanto à presença de diferentes gêneros e níveis de escolaridade. Em uma das maticas identificadas recentemente, observei a presença de migrantes

do gênero feminino, semelhante à matica que conheci em 2018, quando interagi com uma migrante desse espaço.

A PESQUISA

Realizei uma etnografia participante nos três espaços mencionados. O objetivo foi compreender a organização e a dinâmica das maticas formadas por migrantes venezuelanos.

Metodologicamente, coletei dados através das narrativas dos migrantes e selecionei um migrante de cada espaço para relatar sua experiência no processo migratório. Utilizei também o diário de campo e a observação participante. A observação participante permitiu a elaboração de teorias através da etnografia nos três espaços, pois, como afirma Brandão (2007, p. 4), “[...] observando e compreendendo o que está acontecendo, participando da vida cotidiana das pessoas [...] e principalmente nos lugares de trabalho”.

O registro das narrativas orais foi realizado com o auxílio de um aparelho celular, e acompanhei a trajetória de três migrantes que se movimentaram entre a Venezuela e a rede migratória matica. Para isso, desenvolvi um roteiro (anexo) que serviu apenas como guia para mim e para os interlocutores. Selecionei os membros mais antigos de cada matica, além de ouvir outros participantes desses espaços.

Concordo com Teresa Haguette (1987, p. 82), que afirma que o registro de “histórias de vida” de migrantes “[...] requer uma compreensão íntima da vida dos outros, permitindo que os temas sejam estudados do ponto de vista daqueles que os vivenciam, com suas suposições, seu mundo e os constrangimentos e pressões aos quais estão sujeitos”.

As memórias, portanto, são construções sociais orientadas pelo desejo do interlocutor, e a forma como essas informações se tornam um fato é observando o interlocutor em seu cotidiano. Assim, fato e memória “[...] tornam-se simultaneamente enquanto discurso e narrativa” (Kofes, 2015, p. 21).

A busca pela compreensão da cultura dos nossos interlocutores vai além da interpretação de suas narrativas em primeira mão. Como aponta Geertz (1989), a etnografia é uma tentativa de se situar entre os interlocutores, sem a pretensão de se tornar um deles, realizando uma descrição densa a partir da compreensão das ações sociais no sentido weberiano e da interpretação cultural.

Para compreender o significado atribuído pelos interlocutores às suas ações, conforme Geertz (1989), voltei ao campo dois anos após a minha primeira

visita, realizando o processo de reinserção no campo, tanto a interação direta (interno) quanto o acompanhamento (externo) ao longo desses dois anos.

Contamos com o apoio de Janderson Alves Gomes durante os 13 dias intensos em que estivemos em campo, buscando entender a dinâmica e organização das matricas e como se formavam as redes migratórias, assim como o processo de autoagenciamento da força de trabalho dos migrantes nesses três espaços. Esses espaços foram selecionados a partir do mapeamento realizado ao longo de três anos, incluindo uma revisão final sete dias antes da reinserção no campo. Os bairros com maior concentração de migrantes à espera de trabalho são: Cidade Satélite, Jardim Caranã, Aeroporto e Jardim Floresta.

Para facilitar nossa reinserção em campo, encomendamos camisas para nos identificarmos como pesquisadores e representarmos a Instituição. As despesas da pesquisa foram cobertas pela bolsa de estudo que recebi.

PROCESSO DE INSERÇÃO E INTERAÇÃO COM OS INTERLOCUTORES

Iniciei oferecendo lanches durante uma semana, nas manhãs, nos três espaços selecionados. Nos dois primeiros dias, mantive visitas breves para evitar causar desconforto aos interlocutores. A intenção inicial foi realizar uma abordagem gradual para conquistar a confiança dos interlocutores.

No quarto dia, consegui estabelecer um nível de confiança com os interlocutores, e o processo será detalhado nas seções seguintes. A partir desse ponto, comecei a etnografia em cada espaço, embora esta tenha sido realizada desde o início da reinserção no modo de interação direta com os interlocutores. Identificamos e registramos as narrativas dos líderes de cada espaço — Júlio, Luís e Nelson — com base no critério de serem os integrantes mais antigos.

Para apoiar nossa pesquisa, utilizamos várias ferramentas, sendo uma delas o diário de campo. O diário de campo “[...] permite o registro detalhado das informações, observações e reflexões surgidas ao longo da investigação ou durante o momento observado. Trata-se de um detalhamento descritivo e pessoal sobre os interlocutores, grupos e ambientes estudados” (Corrêa, 2000, p. 21).

Corrêa (2000) destaca que o diário de campo é essencial para registrar o que ouvimos, sentimos em campo, além de aspectos como gestos corporais, cheiros e sabores. Esses elementos são difíceis de capturar apenas com gravações ou pela memória, que é seletiva e falha em registrar todos os detalhes (Pollak, 1992, p. 4).

Brandão (2007) também ressalta que “[...] o trabalho de campo é uma vivência, ou seja, um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimen-